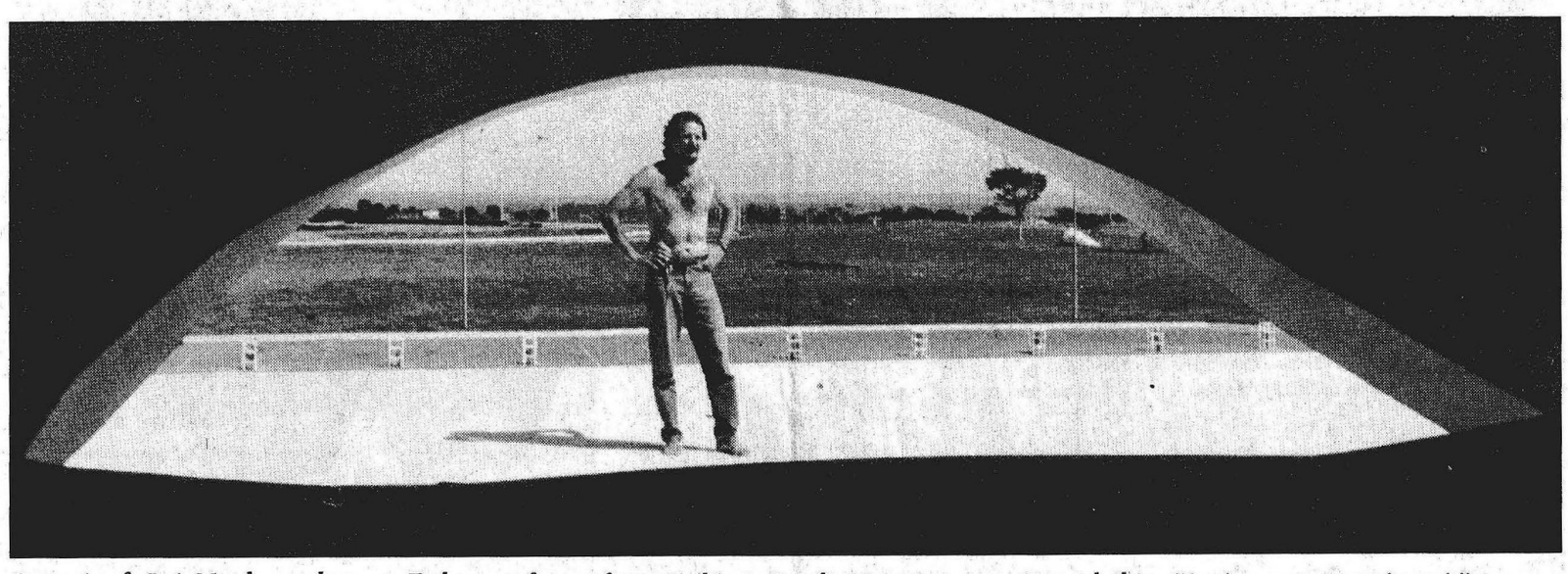
DF - Brasília

De volta ao litoral

Um movimento considera Brasília fracassada e quer a capital de novo no Rio



O coreógrafo Luís Mendonça, do grupo Endança, refuta a afirmação de que Brasília não tem massa crítica e declara: "Aqui se contesta muito mais".

O sujeito acorda de bom humor. Está contente e não sabe com que, porquê. Mas logo o informam de que vive no "esconderijo da Nação". Levanta, ainda tem esperanças. Escova os dentes, toma café, se houver café e, se tiver emprego, sai para trabalhar. Dentro do ônibus, bruscamente descobre habitar "um projeto falido, que nasceu fracassado". Ele passeia, em pânico, por "uma idéia extravagante que inviabilizou o desenvolvimento das demais regiões do País". A "idéia extravagante" é Brasília, o sujeiro mora aqui e, ao chegar a seu destino, está arrasado.

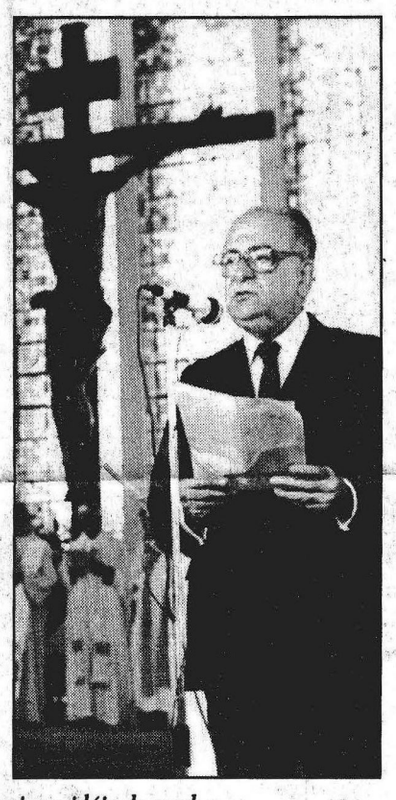
O culpado pelo trauma chama-se João Ricardo Moderno, filósofo, 39 anos, carioca, autor das declarações e líder de um movimento registrado em cartório com o nome Rio-Capital do Brasil. A idéia é a de levar a sede política de volta ao velho Rio de Janeiro. Não se trata de uma brincadeira. "O assunto é sério", avisa Moderno, e o movimento tem recebido adesões ilustres, não se sabe com que grau de empenho. O prefeito do Rio, Marcello Alencar, o escritor Gerardo Mello Mourão, o governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury são alguns dos que simpatizam abertamente com o desejo de fazer a capital retornar à cidade litorânea.

Sonho — O projeto e a execução das obras que resultaram na vinda da capital para o interior do País, com a construção de Brasília, foram "algo de grandioso, pretensioso", diz o cineasta Vladimir Carvalho, autor do documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*, recentemente premiado no Festival de Cinema de Gramado. O filme procura recompor a saga de construção da cidade, investigando também os crimes cometidos no processo de fazer de Brasília uma realidade. O massacre de cerca de 500 pessoas — operários que reclamavam da qualidade da comida — assassinadas pela polícia, é mencionado através do testemunho de participantes da empresa gigantesca: a de erguer uma cidade.

"O sonho realizou-se em parte", diz Vladimir Carvalho. Brasília, para ele, ainda não se concluiu, mas tem desempenhado "um papel monumental" do ponto de vista geopolítico. As reformas nacionais, desejadas há décadas, ao menos por setores de esquerda — a reforma agrária é talvez a mais importante delas — não se consumaram de abril de 1960, quando Brasília se inaugura oficialmente, até hoje. "A cidade inchou e tem problemas sociais muito graves", constata Vladimir. São problemas "iguais ao de qualquer capital brasileira: favelas, desemprego".

"O Rio é ruidoso, mas Brasília é irreversível", opina o cineasta. O movimento Rio-Capital do Brasil, para ele, tem tom "poético" — no sentido de que não passa de uma utopia. "Não adianta dizer: não valeu, vamos começar tudo de novo", diz. "Sou contra".

Vladimir reitera: "O papel a ser desempenhado por Brasília ainda não se consumou, não se realizou totalmente". A cidade estaria vocacionada para a reflexão e deveria abrigar indústrias leves, adequadas às condições ambientais do Planalto. Pode-se acrescentar que a escassez de água, por exemplo, inviabiliza a instalação de indústrias pesadas como a siderúrgica. Por outro lado, as mesmas condições ambientais favoreceriam a construção civil e o desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia, como a dos computadores. O Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal começa a funcionar e tem o perfil das atividades ajustadas à área. Vladimir Carvalho lembra, no entanto, o "estrangulamento na exibição" que impede, no momento, a circulação saudável dos filmes brasileiros.



Vladimir e Aparecido não vêem consistência na idéia de mudar

Diferenças — "No Rio, eles são perigosos e bairristas e dão aos grupos brasileiros um espaço infinitamente menor que aos estrangeiros". A dar crédito a esta declaração feita à imprensa, há pouco meses, pelo coreógrafo Luiz Mendonça, mentor do grupo Endança, os cariocas são bairristas com os demais brasileiros — mas subservientes na relação com estrangeiros. O tratamento dado aos grupos locais durante eventos como o Rock in Rio parece confirmar a hipótese.

A declaração foi feita por Mendonça pouco depois de seu grupo retornar de um festival, o Carlton Dance (por que o nome em inglês?), realizado no Rio. Mendonça ressalva que fala "sem generalizar", mas, para ele, o bairrismo seria a razão de movimentos como o da "volta ao Rio" ("A Volta do Rio" é o título de um artigo publicado pelo escritor Gerardo Mello Mourão na **Folha de S. Paulo** de 19 de agosto passado). Mendonça não vê nada mais nobre nas motivações do movimento Rio-Capital do Brasil. Segundo ele, o movimento possivelmente não tem "nada a ver com o desejo de construir um País melhor".

"No Rio, as pessoas são bonitas, mas parecidas entre si", observa. "As bundas são todas iguais", ri. Ele entende que afirmações como a de que "Brasília não tem massa crítica" e "não tem opinião pública", dadas à imprensa carioca, respectivamente, pelo filósofo João Ricardo Moderno e pelo historiador Joaquim Ponce Leal, não coincidem com a realidade.

"Aqui se contesta muito mais", acha Luiz Mendonça. Pode ser verdade, mesmo levando-se em conta a juventude da cidade e sua população numericamente inferior a de outros centros. Basta lembrar o movimento por anistia, em 1979; por eleições diretas, em 1984; contra o Plano Cruzado 2, em 1986; e a favor do impedimento do Presidente da República, este ano. Pergunta-se: quem eram as pessoas que lotavam as áreas próximas ao Planalto e ao Congresso, nessas ocasiões? Se não eram habitantes do Distrito Federal, seriam, quem sabe, extraterrestres. Politizados, aliás.

Arrimo na realidade — A festejada capital cultural do Brasil pôde realizar um festival — o Carlton Dance — de alto nível, mas segundo o coreógrafo foi incapaz de promover uma cobertura jornalística digna do evento. O Rio ressente-se de "uma superficialidade muito grande", segundo Luiz Mendonça, que se queixa da qualidade das perguntas dirigidas às estrelas do festival, e "não tem produzido muita coisa", em termos de dança. "O melhor tem vindo do Rio Grande do Sul, Bahia, Minas e DF", diz.

O Rio de Janeiro conta com intelectuais respeitáveis, claro. Mas a idéia de mudar (de novo) a capital não passa, para José Aparecido de Oliveira, ex-governador do DF e ex-ministro da Cultura, de "uma especulação, não tem nenhum sentido prático". "A cidade custou milhões e milhões de dólares", pondera Aparecido, e foi "construída com grande esforço do povo". Mudar agora seria abrir novas sangrias.

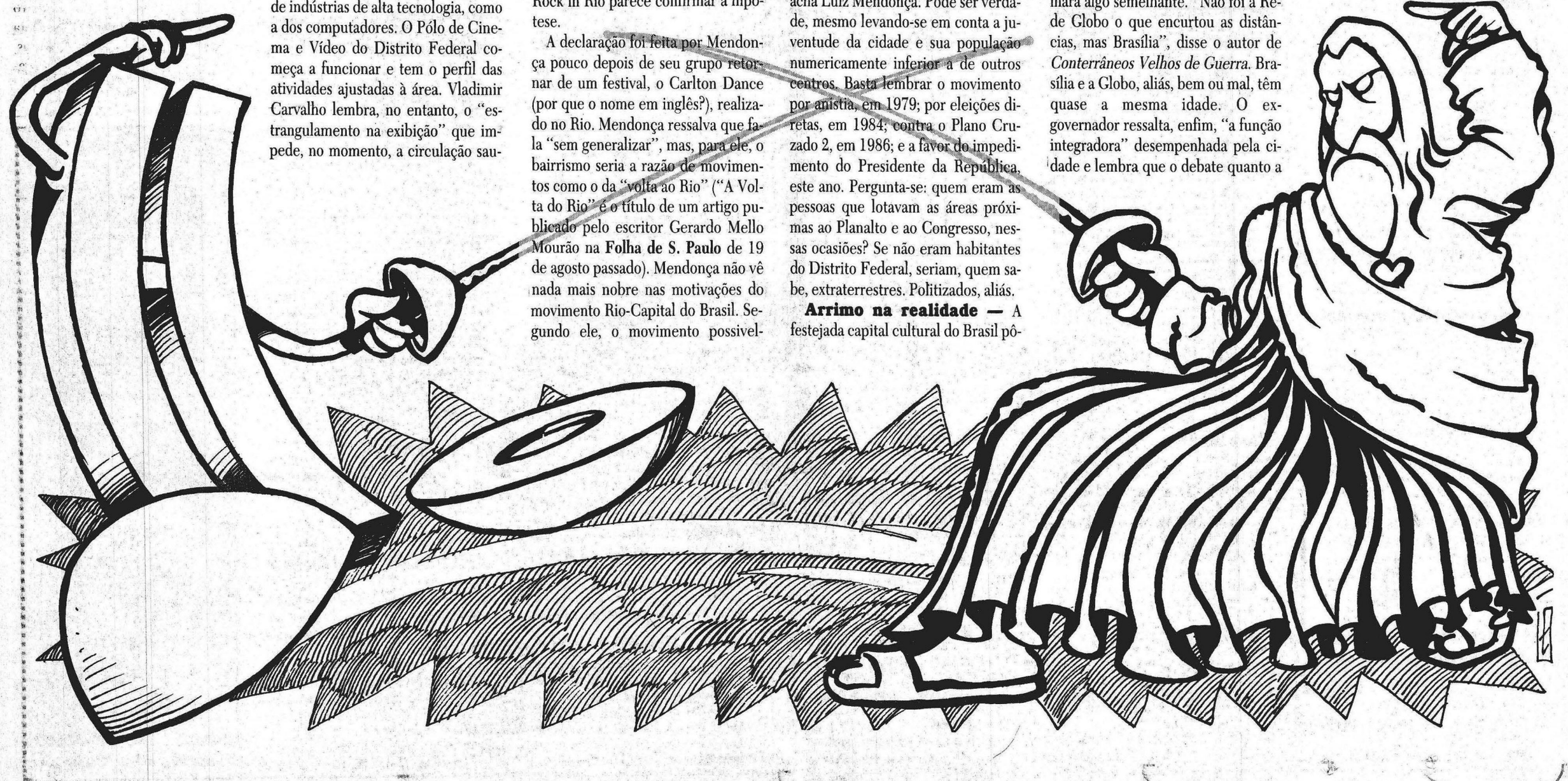
Para o ex-governador José Aparecido, a cidade se justifica por ser "pólo de desenvolvimento econômico e social". Ele lembra ainda o status de que Brasília goza: patrimônio cultural da humanidade, de acordo com a Unesco. A cidade "é a única referência deste século", defende Aparecido, ou seja, as demais áreas do planeta premiadas com o título de patrimônio universal têm origem noutas épocas.

Aparecido lembra que, mais do que a capital do País, Brasília é "uma confluência". Vladimir Carvalho afirmara algo semelhante. "Não foi a Rede Globo o que encurtou as distâncias, mas Brasília", disse o autor de *Conterrâneos Velhos de Guerra*. Brasília e a Globo, aliás, bem ou mal, têm quase a mesma idade. O ex-governador ressalta, enfim, "a função integradora" desempenhada pela cidade e lembra que o debate quanto a levar a capital para o interior, contrariando a preguiçosa colonização do Brasil, que praticamente se limitou às praias, remonta "a Dom João VI". Disposições nesse sentido permearam todos os textos constitucionais formulados neste século.

Razões do Rio — "Brasília é um projeto esgotado do ponto de vista econômico e do ponto de vista político", afirma João Ricardo Moderno, veemente. Ele afirma que "a história da corrupção oficial começa com Brasília". Seus argumentos apontam para a "privatização do Estado" e a "estatização da capital", quando o sadio seria o inverso: um Estado que pertencesse a todos os cidadãos e não pudesse jogar arbitrariamente com as verbas públicas; e uma capital que não dependesse, para existir, das **mesadas** providenciadas pelos demais estados da União.

Ele afirma ter dificuldades para divulgar suas idéias por aqui. Acha que alguns setores ou pessoas ligadas ao Governo resistem ao debate. E esclarece: "O movimento *Rio-Capital do Brasil* não é um movimento carioca, nem em benefício do Rio". "O drama nacional é sério" e, por isto, o País não poderia continuar, segundo Moderno, a financiar "um projeto irracional, de consequências irracionais".

Levar a capital de volta ao Rio ficaria caro, "de saída", reconhece Moderno, mas seria útil e sensato a longo prazo. Os motivos abrangem também a História brasileira, já que, como afirma o escritor Gerardo Mello Mourão no artigo "A Volta ao Rio", não se planta uma capital por decreto impunemente.

O fato, pode-se lembrar, é que a cidade tem 33 anos e conta, hoje, com mais de uma geração nascida aqui. A discussão pode ser aberta, mas Moderno e companheiros não esclarecem de que modo a população brasiliense, funcionários públicos obviamente incluídos, participaria dos debates. Moderno diz apenas que a questão teria de ser tratada "em alto nível", com discussões que respeitassem a inteligência nacional. Afinal, Roma não se fez num dia.

■ **Fernando Marques**